

ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DA PÓS-VERDADE: OS DIFERENTES DESAFIOS EDUCACIONAIS.

Henrique Barbosa Tavares Filho¹;

Ariane de F. Ferreira ²;

Maria H. S. Martins³;

Giovanni Codeça da Silva⁴;

Elisa Goldman⁵.

1 Graduando de História (UVA), bolsista CAPES/PIBID, Bugui575@gmail.com

2 Graduanda de História (UVA), bolsista CAPES/PIBID, arylima874@gmail.com

3 Graduanda de História (UVA), martinshelen2425@gmail.com

4 Doutor em Letras (UFRJ), Professor UVA, CEJA/Cecierj, Seeduc/RJ,
codecasilva@gmail.com

5 Doutora em História (UERJ), Professora FAETEC/RJ, Supervisora do PIBID,
egoldman@uol.com.br

RESUMO

A emergência da pós-verdade e a difusão acelerada de *fake news* constituem alguns dos maiores desafios contemporâneos para o ensino de História. A partir da análise integrada de três pesquisas desenvolvidas em diferentes contextos escolares – Educação Técnica, Superior e Educação de Jovens e Adultos – este trabalho investiga como informações falseadas, revisionismos e narrativas ideologizadas afetam a aprendizagem histórica, o desenvolvimento do pensamento crítico e a formação docente. A pós-verdade, entendida como um comportamento epistemológico em que crenças pessoais e afetos se sobrepõem a evidências objetivas, manifesta-se de modo expressivo entre estudantes, seja na reprodução de distorções históricas, seja na dificuldade de identificar fontes confiáveis. Os estudos analisados utilizam metodologia qualitativa, articulando questionários, entrevistas, análise de materiais didáticos e observação de práticas escolares. Os resultados apontam que: estudantes do ensino técnico estão expostos de forma contínua a conteúdos desinformativos, sobretudo nas redes X, *Instagram* e *YouTube*; muitos reconhecem as *fake news*, porém demonstram lacunas significativas de compreensão histórica; licenciandos em formação frequentemente têm noções parciais ou equivocadas sobre pós-verdade, o que indica fragilidades na formação inicial; materiais didáticos de redes como o CEJA apresentam ausência de conteúdos sobre pós-verdade e revisionismo, deixando lacunas formativas importantes. O estudo integrado demonstra que o problema não está apenas na circulação de informações falsas, mas na insuficiência de políticas formativas capazes de preparar estudantes e docentes para enfrentá-las. Conclui-se que o ensino

de História constrói anticorpos cognitivos contra a manipulação informacional apenas quando articulado a práticas pedagógicas críticas, dialógicas e digitalmente alfabetizadoras.

Palavras-Chave: Prática de Ensino. Pós-verdade. Formação crítica.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea atravessa transformações profundas na forma como a informação é produzida, circulada e apropriada. As tecnologias digitais ampliaram o acesso ao conhecimento, democratizando a participação social, mas também abriram espaço para a proliferação de conteúdos distorcidos, narrativas ideologicamente fabricadas e discursos contrários à produção científica do saber. Essa ambiguidade constitui o terreno fértil em que emerge a chamada era da pós-verdade. Mais do que um fenômeno informacional, a pós-verdade expressa uma mutação epistemológica: importa menos a veracidade dos fatos e mais o impacto emocional que uma narrativa é capaz de produzir. Esse cenário altera profundamente as dinâmicas da educação, especialmente do ensino de História, campo intrinsecamente ligado ao debate sobre evidências, temporalidades, métodos e interpretações.

O ensino de História ocupa um lugar central na formação cidadã. Ele permite compreender processos de longa duração, reconhecer estruturas de poder, identificar manipulações discursivas e refletir sobre as condições de produção das narrativas. Contudo, nas últimas décadas, práticas revisionistas, negações de fatos históricos e *fake news* tornaram-se instrumentos de disputas políticas, produzindo percepções equivocadas ou simplificadas sobre acontecimentos complexos. No Brasil, esse movimento se expressa de forma marcante em temas como ditadura civil-militar, escravidão, nazifascismo, direitos humanos e lutas sociais. Plataformas como *YouTube*, *Instagram*, *X* e *Telegram* desempenham papel central na difusão desses conteúdos, especialmente entre jovens.

Nesse contexto, foram desenvolvidas três pesquisas em ambientes educacionais distintos, buscando compreender dos desafios atuais: a análise de Ariane Ferreira sobre o ensino de História na era da pós-verdade, nos cursos de História, Pedagogia e letras da Universidade Veiga de Almeida; o estudo de Maria Helena Martins sobre *fake news* e pensamento crítico entre alunos do ensino técnico realizado na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana; e a investigação de Henrique Tavares Filho sobre o CEJA Jose Carlos Brandao Monteiro e a ausência de conteúdos referentes ao revisionismo e à pós-verdade. Todos bolsista do PIBID/CAPES/UVA. Cada pesquisa, ao seu modo, busca compreender dimensões

complementares da problemática: a formação docente, a recepção estudantil de desinformação e as lacunas presentes nos materiais didáticos.

A integração dessas três perspectivas permite observar que o desafio não se limita à identificação das *fake news*, mas envolve uma complexa teia de fatores sociais, políticos e pedagógicos. De um lado, alunos do ensino básico e técnico convivem com um volume intenso de informações, mas carecem de mediação crítica que os ajude a interpretar tais conteúdos. De outro, licenciandos em formação nem sempre dominam os conceitos que supostamente irão ensinar, demonstrando fragilidades na formação para lidar com o mundo digital contemporâneo. Por fim, materiais didáticos institucionais, especialmente em redes como o CEJA, ainda não incorporam discussões essenciais sobre pós-verdade, deixando os estudantes sem ferramentas adequadas para enfrentar narrativas manipuladoras.

A questão central que norteia este texto integrativa é: como o ensino de História pode enfrentar os desafios impostos pela pós-verdade e pelas *fake news*, fortalecendo o pensamento crítico dos estudantes em diferentes modalidades de ensino? Para respondê-la, está escrita articula os achados dos três estudos originais, contextualizando-os em uma perspectiva unificada e ampliada. Ao reconhecer a escola como espaço de disputas simbólicas e políticas, torna-se evidente que a educação histórica não pode se limitar à exposição de conteúdos, mas deve promover a reflexão sobre a própria construção do saber. Paulo Freire já alertava que a educação deve formar sujeitos capazes de ler criticamente o mundo. No contexto atual, isso significa compreender como as narrativas são produzidas, por quem, com quais interesses e por quais meios. A pós-verdade, nesse sentido, representa um desafio não apenas cognitivo, mas também ético e político.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar, integrar e oferecer uma síntese interpretativa capaz de contribuir para a elaboração de práticas pedagógicas mais eficazes, políticas formativas mais robustas e reflexões mais rigorosas sobre o lugar do ensino de História em tempos de desinformação. A fim de compreender de que maneira a lógica da pós-verdade e a circulação de *fake news* impactam o ensino de História e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Especificamente, busca-se identificar como discentes do ensino básico técnico e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) percebem e interpretam *fake news* e narrativas revisionistas, avaliar de que forma materiais didáticos e práticas pedagógicas abordam — ou negligenciam — temas relacionados à pós-verdade, bem como investigar os impactos da formação inicial de professores na capacidade de enfrentamento da desinformação no espaço escolar.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa integrativa articula procedimentos de análise documental, comparação temática, sistematização de dados primários oriundos dos três estudos e interpretação teórico-analítica baseada em referenciais da educação histórica, epistemologia crítica e estudos sobre desinformação.

1. Integração dos três campos empíricos

Os materiais fornecidos consistem em três pesquisas independentes: estudo com licenciandos e análise conceitual da pós-verdade no ensino de História; aplicação de questionário sobre *fake news* a turmas do ensino técnico; investigação de materiais didáticos e práticas pedagógicas no CEJA. Esses três conjuntos foram tratados como camadas complementares de um mesmo fenômeno. Inicialmente, realizou-se uma leitura exaustiva de cada documento, identificando unidades de sentido, categorias analíticas e elementos convergentes ou divergentes.

2. Análise qualitativa e quantitativa do impacto da pós-verdade na formação docente

A pesquisa realizada por Ariane Ferreira adota uma abordagem metodológica de natureza mista, integrando as perspectivas qualitativa e quantitativa para investigar o impacto da pós-verdade na formação docente nos cursos de História e Pedagogia da Universidade Veiga de Almeida.

Esse estudo se divide em duas etapas: na primeira, foi realizado uma entrevista com a professora Elisa Goldman, para fornecer uma visão teórica e prática aprofundada sobre o tema; na segunda etapa, desenvolvida no evento: XV Fórum de Pedagogia e I Encontro Integrado dos Cursos de Pedagogia, História, Letras, Psicopedagogia e Educação Especial, na Universidade Veiga de Almeida, a professora Elisa Goldman foi convidada para falar sobre o tema: Ensino de História: desafios contemporâneos em tempos de pós verdade.

Nesse evento, foi realizado a coleta de dados dessa pesquisa através da aplicação do questionário 01, antes da palestra da professora, no qual tivemos 17 respostas, e da aplicação do questionário 02, ao final da palestra, no qual foi coletado 16 respostas. Foram dez questões para todos os alunos presentes, independente do curso; duas questões específicas para os alunos dos cursos de História e Letras, respectivamente; e três questões específicas para os alunos do curso de Pedagogia.

A entrevista realizada com a professora Elisa Goldman focou na análise da pós-verdade como um fenômeno de falseamento das representações históricas e nas implicações práticas do "aluno mediatizado" no ambiente escolar.

E os questionários (Questionários 01 e 02), contendo questões objetivas sobre conceitos centrais, como "bolhas informacionais", "relativismo da verdade" e o papel do pedagogo no combate à desinformação. Os formulários buscaram mapear o grau de conhecimento dos discentes e suas opiniões acerca da responsabilidade ética e metodológica no trato com informações no século XXI.

3. Análise qualitativa dos discursos e percepções dos estudantes

Ao todo, 28 alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana (ETEFV) responderam ao questionário.

Foram elaboradas sete questões de múltipla escolha sobre a *fake news*, sobre conteúdos históricos. Após cada pergunta objetiva, o aluno respondia também uma questão dissertativa sobre como ele teve contato com aquela informação falseada.

Optou-se por trabalhar com estudantes do terceiro ano, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento histórico e discernimento contra *fake news* sobre o tema com os quais concluem a educação básica.

As respostas coletadas nos questionários dos estudos originais foram examinadas para compreender como os estudantes se relacionam com *fake news* e narrativas históricas distorcidas. Apesar de os dados quantitativos não serem reanalisados estatisticamente, sua interpretação qualitativa permitiu identificar tendências: por exemplo, o fato de que muitos alunos reconhecem *fake news*, mas ainda carregam concepções equivocadas sobre certos temas históricos.

4. Análise documental dos materiais didáticos

No caso do CEJA, a pesquisa-base realizou um levantamento dos fascículos e livros disponíveis aos estudantes nas bibliotecas. O primeiro CEJA a ser investigado foi o CEJA Brandão Monteiro, e com o acesso livre á biblioteca pode observar que não havia se quer mencionado o termo pós-verdade e alguns livros influenciavam o pensamento revisionista histórico piorando ainda mais a situação, e dentro dos fascículos foi constatado ausência de conteúdos sobre pós-verdade. Mesmo os fascículos e os professores interagindo e contribuindo para o pensamento crítico e reflexivo dos alunos, esse tema diante de um crescimento das

humanidades digitais se torna essencial para um currículo atualizado e que visa combater uma pós verdade e os revisionismos históricos tão presentes na sociedade atualmente. Portanto neste trabalho integrativo, utilizou-se essa descrição para discutir como lacunas institucionais contribuem para fragilidades na formação crítica dos alunos.

5. Análise teórica integrada

Os estudos originais dialogam com autores como Marcelo Rangel, Paulo Freire, Arlete Ramos Santos, Hannah Arendt, entre outros. Neste trabalho, esses referenciais foram sintetizados para construir uma leitura ampliada: da pós-verdade como fenômeno político e epistemológico; do ensino de História como campo decisivo no combate à desinformação; da necessidade de práticas pedagógicas críticas e dialógicas.

6. Construção de uma narrativa analítica unificada

A partir das categorias emergentes – formação docente, recepção discente de *fake news*, ausência de conteúdos sistemáticos sobre pós-verdade e fragilidades institucionais – elaborou-se uma narrativa integradora. Esse processo permitiu superar a fragmentação dos estudos originais, oferecendo uma compreensão mais global dos desafios enfrentados pela educação histórica no Brasil atual.

DESENVOLVIMENTO

O ensino de História ocupa um lugar fundamental na formação do cidadão, pois possibilita a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais que estruturam a sociedade ao longo do tempo. Dessa forma, o ensino de História ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, assumindo um papel central na formação ética, política e social dos sujeitos.

No entanto, esse papel formativo enfrenta desafios significativos na contemporaneidade. Nos últimos anos, o Brasil tem vivenciado um cenário de intensa polarização política, acompanhado pelo fortalecimento de narrativas associadas à extrema-direita, que frequentemente deslegitimam fatos históricos consolidados e estimulam práticas revisionistas. Essas narrativas buscam omitir, relativizar ou distorcer acontecimentos históricos relevantes, como os episódios de repressão, censura, perseguições, torturas e mortes ocorridas durante a ditadura civil-militar. A disseminação dessas leituras distorcidas se intensifica com o avanço das mídias digitais e das redes sociais, que ampliam o alcance e a velocidade de circulação de informações falsas.

É nesse contexto que se insere o fenômeno da pós-verdade, compreendido como um comportamento epistemológico no qual fatos objetivos perdem espaço para crenças pessoais, emoções e convicções ideológicas. Nesse cenário, informações distorcidas ou falsas passam a ser aceitas como verdadeiras quando confirmam visões de mundo previamente estabelecidas. A pós-verdade, potencializada pela circulação de *fake news* e pela lógica algorítmica das redes sociais, afeta diretamente a relação dos sujeitos com o conhecimento histórico e científico.

1. A era da pós-verdade

A escola, por estar inserida nesse mesmo tecido social, não está imune a esses processos. Ao contrário, sofre diretamente seus impactos, o que torna a educação um espaço estratégico no enfrentamento da pós-verdade, do revisionismo histórico e da desinformação. Essa realidade foi observada tanto na educação básica quanto no ensino superior, a partir da experiência de Ariane Ferreira como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana (ETEFV). O cotidiano escolar evidenciou dificuldades recorrentes na conexão entre o ensino de História e os estudantes, expressas por comportamentos de dispersão, desinteresse e pela reprodução acrítica de narrativas difundidas nas redes sociais.

As trocas realizadas nos encontros do Programa de Iniciação Científica “Práticas Pedagógicas em Tempos de Pós-Verdade” ampliaram essa reflexão, direcionando o olhar da pesquisa também para o ensino superior, especialmente para os cursos de licenciatura. A pós-verdade não se restringe aos adolescentes da educação básica, mas atinge igualmente os futuros professores, que estão em processo de formação e que atuarão diretamente em salas de aula marcadas por esse contexto informacional fragmentado e acelerado.

Diante disso, a pesquisa voltou-se para a formação docente, buscando compreender como o professor em formação se constrói em um cenário caracterizado pela circulação massiva de informações, muitas vezes desprovidas de validação científica. A investigação se apoia em referenciais teóricos que discutem o ensino de História em tempos de pós-verdade, o capitalismo de vigilância na educação e a perspectiva freireana de formação crítica e autônoma.

No âmbito empírico, a pesquisa se desdobrou em diferentes frentes. Uma delas consistiu na realização de entrevista com a professora Elisa Goldman, cuja trajetória articula reflexão teórica e prática docente. A coleta de dados ocorreu durante o XV Fórum de Pedagogia e o I Encontro Integrado dos Cursos de Pedagogia, História, Letras, Psicopedagogia e Educação Especial, evento no qual a professora ministrou a palestra “Ensino de História: desafios

contemporâneos em tempos de pós-verdade”. Nesse contexto, foi aplicado um questionário anônimo, elaborado em conjunto com o professor Giovanni Codeça, destinado a estudantes dos cursos de licenciatura em História, Pedagogia e Letras da Universidade Veiga de Almeida.

Os resultados indicaram que, antes da palestra, apenas 58,8% dos licenciandos afirmavam saber o que era pós-verdade, percentual que se elevou para 93,8% após a atividade. Apesar desse avanço conceitual, algumas respostas revelaram interpretações distorcidas sobre as consequências do fenômeno, inclusive entre estudantes de História, evidenciando que o reconhecimento do termo não garante, por si só, uma compreensão crítica aprofundada.

2. O ensino da pós verdade nos CEJAS

Outra frente da pesquisa concentrou-se na análise do material didático disponibilizado pelos Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), mas especificadamente no CEJA José Carlos Brandão Monteiro. A investigação, de caráter qualitativo e exploratório, analisou os fascículos de História e o acervo da biblioteca da rede CEJA. Embora os materiais estejam alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e organizados de forma cronológica, não foi identificada nenhuma menção explícita aos conceitos de pós-verdade ou revisionismo histórico.

A ausência desses debates torna os estudantes do CEJA mais suscetíveis às narrativas distorcidas que circulam no espaço público. Além disso, a análise da biblioteca revelou a presença de obras problemáticas do ponto de vista crítico, como *As Invasões*, de João Calmon, que interpreta a ditadura civil-militar a partir de uma retórica anticomunista, e *O Integralismo*, de Armando Filho, que apresenta o movimento integralista de forma pouco problematizada. Tais obras, ao não serem mediadas criticamente, podem contribuir para a reprodução de leituras revisionistas e para o fortalecimento da pós-verdade.

3. O uso da *Fake News* no ensino de História

A terceira frente da pesquisa analisou diretamente o impacto das *fake news* no ensino de História, por meio da aplicação de um questionário a turmas do terceiro ano da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana. A pesquisa contou com exemplos de *fake news* históricas amplamente divulgadas nas redes sociais. Os estudantes indicaram se já haviam visto as informações, se acreditavam nelas e em quais plataformas tiveram contato com esse conteúdo.

A análise dos resultados demonstrou que os alunos possuem contato frequente com *fake news* históricas, como as afirmações de que “nazismo é de esquerda”, que “os indígenas não

resistiram à colonização”, que “o Holocausto nunca aconteceu” ou que “a Idade Média foi apenas trevas”. Apesar disso, a maioria dos estudantes declarou não acreditar nessas narrativas, o que indica a presença de um certo discernimento crítico. As redes sociais mais citadas como espaço de contato com esse tipo de conteúdo foram o X (antigo *Twitter*), o *YouTube* e o *Instagram*, sendo o X o mais recorrente.

RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa revelam um quadro complexo e multifacetado do impacto da pós-verdade na educação histórica. Para fins de organização, são apresentados em três blocos principais:

A percepção dos estudantes sobre pós-verdade e *fake news* - Os estudos mostram que estudantes do ensino técnico e básico têm contato intenso com informações falsas. As redes sociais mais citadas são X, *Instagram* e *YouTube*. Os dados sobre *fake news* específicas demonstram que, embora muitos estudantes não adiram às narrativas falsas, existe uma parcela significativa que apresenta lacunas conceituais. Isso se confirma pela aceitação, ainda que minoritária, de ideias como “a Idade Média foi apenas trevas” ou “os egípcios antigos eram todos brancos”. O fato de que cerca de 10% acreditam em negacionismos mais graves, como a negação do Holocausto ou a ideia de que indígenas não resistiram à colonização, revela vulnerabilidades importantes.

Esses resultados evidenciam que o problema não é apenas cognitivo, mas também político e emocional. *Fake news* históricas tendem a reforçar visões de mundo já instaladas, funcionando como forma de validação identitária. Isso reforça a necessidade de um ensino de História que não se limite a transmitir conteúdos, mas que problematize a relação entre memória, poder e narrativa.

Fragilidades na formação inicial de professores - O estudo integrado demonstra que alunos de licenciatura também apresentam inseguranças conceituais sobre a pós-verdade. Nas entrevistas registradas, licenciandos do curso de História demonstraram compreensões parciais ou equivocadas sobre o conceito. Essa fragilidade é preocupante, pois esses futuros professores atuarão diretamente no enfrentamento da desinformação em sala de aula.

Isso indica que o currículo de formação docente precisa incorporar discussões sobre epistemologia digital, leitura crítica de mídia, análise de discursos revisionistas e estratégias

didáticas para o combate às *fake news*. A formação docente ainda é excessivamente conteudista e pouco voltada à realidade digital contemporânea.

Lacunas estruturais nos materiais didáticos - A pesquisa realizada no CEJA revela ausência completa de conteúdos sobre pós-verdade e revisionismo. A presença de livros com potencial viés ideológico não problematizado constitui risco pedagógico real, pois estudantes podem interpretar esses materiais sem mediação crítica. Como se trata de uma rede cujo público é majoritariamente adulto, muitas vezes com escolarização interrompida, a ausência de ferramentas críticas aumenta a probabilidade de adesão a discursos desinformativos amplamente circulantes. A análise integrada mostra que a escola pública, ao não atualizar seus materiais, delega ao aluno a tarefa de combater sozinho a desinformação – algo incompatível com o papel social da escola.

CONCLUSÃO

A síntese das três pesquisas demonstra que os desafios enfrentados pelo ensino de História na era da pós-verdade são profundos e estruturais. A desinformação opera não apenas como erro factual, mas como tecnologia política baseada na manipulação emocional e identitária. Assim, combater *fake news* exige muito mais do que correções pontuais: exige formar sujeitos capazes de interpretar criticamente narrativas, reconhecer disputas de poder e compreender as condições de produção do saber histórico.

O estudo integrado mostra que estudantes estão expostos a um volume imenso de informações, mas carecem de formação sistemática para interpretá-las. Mesmo aqueles que reconhecem *fake news* ainda carregam lacunas conceituais significativas. Além disso, licenciandos em formação demonstram fragilidades teóricas sobre a pós-verdade, indicando que o ensino superior também precisa se atualizar. A ausência de conteúdos sobre pós-verdade nos materiais do CEJA reforça essas lacunas, revelando que políticas públicas de educação ainda não incorporaram de modo consistente a alfabetização midiática crítica.

Conclui-se que o ensino de História tem papel indispensável na construção de anticorpos cognitivos contra a manipulação informacional. No entanto, isso só será possível com práticas pedagógicas que valorizem a dúvida, o debate, a metodologia histórica e a análise crítica das fontes. A escola precisa ser espaço de esclarecimento, não de reprodução de discursos prontos. A inclusão de conteúdos sobre pós-verdade nos currículos, a formação continuada de professores e a revisão dos materiais didáticos são passos fundamentais.

A História, enquanto disciplina formadora da consciência crítica, deve assumir o enfrentamento direto à desinformação como parte de sua missão social. Em tempos em que fatos são disputados e memórias são atacadas, ensinar História é também defender a democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. Verdad y política. Madrid: CIS, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONTE de dados. Google Drive. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1VfurHRV4AGRJEyXERuUKUNyeUf6XCXD?hl=pt-br>. Acesso em 25 de fevereiro de 2026.

KOERNER, Andrei. Capitalismo e vigilância digital na sociedade democrática. RBCS, v. 36, n. 105, 2021.

MARQUES, Maria de Fátima T. A disciplina de História como ciência para o combate à desinformação. Universidade do Porto, 2023.

PACHECO, L. C.; PAIVA, V. A. S. Fato e Fake: desconstruindo as fake News através do ensino de História. Revista Antígona, 2022.

PASSOS, F. A. O revisionismo e os perigos da mentira deliberada. Trans/Form/Ação, v. 44, 2021.

RANGEL, Marcelo de Mello. Ensino de História: temporalidade, pós-verdade e verdade poética. Tempo e Argumento, 2021.

SANTOS, Arlete R.; RUAS, Soane G. S. O capitalismo de vigilância na educação. EDUFBA, 2024.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I. V. A pós-verdade como acontecimento discursivo. Linguagem em (Dis)curso, 2020.

SILVA, R. J. Fake News e o Ensino de História. UFRPE, 2024.

TAVARES FILHO, Henrique B. O ensino da pós-verdade nos CEJAs. UVA, 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a oportunidade de ser bolsistas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que realiza a parceria entre a Universidade Veiga de Almeida (UVA) - através do curso de Licenciatura de História com a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) - através da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana (ETEFV) e com a Fundação CICIÉRJ (Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro) através do CEJA José Carlos Brandão Monteiro.